

País terá de se explicar aos credores no BID

PAULO SOTERO

Correspondente

SÃO DOMINGOS — A interrupção, por duas semanas, das negociações entre o Brasil e os bancos credores, em Nova York, abriu espaço para a Argentina faturar politicamente durante a reunião anual do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), que começa neste final de semana na República Dominicana. A decisão pode ter, também, exposto a equipe econômica a críticas, dentro e fora do País, num momento delicado para o ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira. No mínimo, ela obrigará o presidente do Banco Central, Francisco Gros, que chefiará a delegação brasileira à reunião do BID, e o negociador da dívida, Pedro Malan, a um esforço de relações públicas para evitar danos.

Embora tenha sido fortalecido por sua confirmação no cargo, Marcílio poderá perder espaço se a recusa do PSDB de integrar o governo de coalisão que o presidente Fernando Collor está tentando montar abrir o caminho para a entrada das forças mais conservadoras no ministério. O governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães, o principal articulador dessas forças, fez uma crítica velada ao ministro, na semana passada, em Nova York, afirmando que "o Brasil deveria fechar logo o acordo com os bancos sem ser rígido nos detalhes". O aumento da influência de ACM e do PDS, por outro lado, poderia, na prática, dificultar a continuação da política de estabilização negociada com o Fundo Monetário Internacional (FMI).

O irônico da situação é que o problema potencial de relações públicas que a equipe econômica poderá enfrentar durante a reunião do BID foi criado por duas pessoas que só têm a perder com isso: o vice-presidente do Citicorp, William R. Rhodes, e o subsecretário do Tesouro dos EUA, David Mulford.

Interessados, por suas próprias razões, em transformar a reunião do BID numa grande festa de celebração do fim da crise da dívida da América Latina, Rhodes e Mulford apostaram que o Brasil e a Argentina anunciariam acordos com os bancos

Wilson Pedrosa/AE

**David Mulford**

Decepção pela falta de acordo em Nova York

em São Domingos. Num gesto pouco usual, interpretado como manobra de pressão em Brasília, o vice-presidente do Citicorp criou a expectativa de que isso aconteceria divulgando um comunicado no início da semana passada sem consultar o negociador brasileiro, Pedro Malan.

Para Rhodes, o anúncio simultâneo de acordos em São Domingos valorizaria os papéis dos dois países no mercado secundário, reduzindo as perdas para os grandes credores, e o liberariam para negociar com outros devedores em apuros. O Citicorp tem US\$ 700 milhões em jogo no grupo Olympia & York, o grande incorporador imobiliário que pediu água a seus credores há poucos dias. Rhodes está pessoalmente envolvido nas negociações.

Quanto a Mulford, o rumor nos meios financeiros é que ele está se preparando para voltar ao setor privado e gostaria de ver a questão da dívida da América Latina liquidada antes de deixar o governo. A caminho de São Domingos, na quinta-feira, Mulford lamentou ao Estado que o governo brasileiro e os bancos não tenham fechado acordo.

■ Mais informações sobre a reunião do BID na página 10